

Depois de 16 anos, a cidade perde a sua matriarca

Sem queixas ou mágoas, mas prevendo a saudade que sentirá dos 16 anos de convivência diária com os moradores da Ceilândia, a administradora Maria de Lourdes Abadia deixará o cargo, impreterivelmente, no dia 15 de março próximo, quando termina a gestão do governador José Ornellas. Deixará a administração e a comunidade, que acompanha desde a remoção dos primeiros barracos da invasão do Morro do Urubu, certa de ter contribuído para tornar menos árdua a vida de tantos quantos integram a parcela mais pobre da população do Distrito Federal.

Em sua decisão, além do cansaço natural da missão, levou em conta a necessidade de independência das duas partes: dela própria, ligada 24 horas aos problemas dos 450 mil habitantes, e da própria comunidade, acostumada a ter na administradora uma espécie de Antonio Conselheiro de salas, capaz de resolver problemas de saneamento, escola, atendimento médico, bri-

gas de vizinhos e, até, de marido e mulher.

Na teoria, contudo, a Ceilândia continuará no dia-a-dia da assistente social Maria de Lourdes, convidada pela Universidade de Minnesota a fazer uma série de conferências, nos próximos dois anos, em vários países da América Latina e nos Estados Unidos, relatando sua experiência no desenvolvimento de comunidade e populações marginalizadas. Da Universidade de Washington, ela recebeu o convite e bolsa de estudo para pós-graduação na área de Assistência Social.

Em contato com essas e outras instituições que conhecem seu trabalho, ela buscará a chance de colher parâmetros científicos para avaliar seu próprio desempenho. Com relatos do dia-a-dia, a experiência será contada em livro, que já tem seu esboço elaborado.

Qualquer que seja o número de páginas da prometida edição, o certo é que a solidariedade merecerá um capítulo à parte, ao lado de entretítulos como "administrar conflitos",

"administrar, em cima do disse-que-me-disse" e uma grande introdução, onde o respeito aos valores da comunidade será posto como fator primordial para uma convivência pacífica.

De solidariedade na Ceilândia, Maria de Lourdes sabe milhares de histórias, desde a da criança defeituosa "adotada por toda a rua", até os conhecidos casos de "parentes necessitados" que se utilizam dos "puxados" em barracos igualmente desfavorecidos. Na administração de conflitos, os personagens variam de feirantes e comerciantes à briga de rua das crianças e desentendimento entre vizinhos, por motivos tolos ou sérios. Outra constante intervenção da administradora é na dissolução de boatos sem fundamentos, constantes e descabidos, surgidos não se sabe de onde, para atender a interesses escusos. Parece frugal, mas um boato de que a Terra-cap tomará os lotes dos que estão em atraso com as prestações, se não for desmentido a tempo, pode causar prejuízos inestimáveis para os incautos.

como a venda ou abandono da propriedade.

A própria Maria de Lourdes foi inúmeras vezes surpreendida pela solidariedade peculiar da Ceilândia. Numa dessas, cinco mil moradores assinaram uma lista de apoio à administradora, em oposição a um pequeno grupo que se dizia insatisfeito com sua atuação. E foram entregá-la a um deputado. Informada do fato, ela perguntou a um dos signatários da lista como tinha sido seu diálogo com o parlamentar. E ele, sem malícia: "Bem nós dizemos a ele: **ruim por ruim, a gente fica com ela quem, pelo menos, gosta de nós**".

O QUE FICA

Ela acredita que, coincidente com sua saída, a Ceilândia passa a uma segunda etapa de sua formação, com outras reivindicações e posturas. A última exigência em termos de subsistência e necessidades primárias, a instalação de esgotos, está sendo atendida.

Após 16 anos, dois dos quais como assistente social na erradicação da invasão do Mor-

ro do Urubu, ela deixa a Ceilândia com 10 centros de saúde e 67 escolas, onde estudam 100 mil alunos. Deixa, também, inúmeras lembranças, boas e más, mas, sobretudo, compensadoras. Como a primeira missa rezada na localidade, por Frei Cirino. Havia apenas um altar improvisado; no lugar reservado aos "fiéis", via-se animais soltos (cachorro, galinha e até porcos), poucas pessoas interessadas na liturgia e inúmeros "desocupados" fazendo algazarra e impedindo a celebração do ato.

Antes do ofertório, o vigário desistiu da missão, provavelmente julgando impossível a conversão de tais ouvintes. No último sábado, o Projeto Platéia apresentou a ópera de Mozart "**Così fan Tutte**", no auditório improvisado no Centro de Ensino número três. Para um público ordeiro e interessado, bem diferente dos "infieis" de Frei Cirino. Na última fila, a administradora comprou os dois fatos e aplaudiu. Da mesma forma que é aplaudida por todos quanto conhecem seu trabalho.